

SUBSTANTIVO OU ADJETIVO? UM PROBLEMA ASPECTUAL

Maria Noêmi Freitas (UERJ/SME)
maria.noemi@oi.com.br

1. *Justificativa*

Em nossas pesquisas, perseguindo a iconicidade do substantivo (tema da nossa dissertação de mestrado), vimo-nos deparando com o problema da relação entre as classes de substantivos e adjetivos. Em alguns sintagmas, é difícil saber qual é o nome e qual é o epíteto e há casos em que parecem acumular-se as duas funções na mesma palavra. Destacamos, a seguir, alguns exemplos que nos chamaram a atenção:

1. **“Autor defunto ou defunto autor”** – expressão conhecida de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. – costumamos achar, por mera convenção sintática, que o epíteto é o segundo elemento. Mas, semanticamente, não se pode garantir isso.
2. **“Tubarão mordido”** – título de notícia sobre o nadador paraolímpico Clodoaldo Silva, em *O Globo*, 17/12/2009, p. 39. – a designação “tubarão” faz referência ao nadador pela sua qualidade e bravura, é qualificativa.
3. **“Todos eles são bons pizzaiolos”** - Lula, em *O Globo*, 16/07/2009, p. 3. – o sintagma, neste caso, apresenta a ordem inversa à apontada no exemplo 1. O adjetivo aparece antes do substantivo. Ambos são qualificativos.
4. **“Duelo de titãs na mineração”** – *O Globo*, 11/08/2010. - O termo titãs refere-se às empresas de mineração que integram a Associação das Mineradoras de Serra Azul (Minas Gerais). O substantivo dá destaque ao porte das empresas, uma “qualificação”.
5. **“Lula: quem desmatou a Amazônia não é bandido.”** – *O Globo*, 20/06/2009 (capa). – E agora? Na função de predicativo do sujeito, “bandido” é substantivo ou adjetivo?

6. Neologismos – Comentário prévio: Todos os neologismos contêm apreciação subjetiva (o “acento apreciativo” de Bakhtin) e são formados a partir de uma reavaliação dos elementos que os constituem, sejam de ordem morfológica ou semântica. O acento apreciativo corresponde ao destaque para uma ou mais qualidades dos objetos designados. Esse destaque para a qualidade é característico dos signos icônicos. Na perspectiva da iconicidade verbal, neologismo é um signo de *alta iconicidade* (v. SIMÕES, 2009, p. 93-96), pois, criado especialmente para a situação que lhe deu origem, tem uma ligação direta com essa situação e passa a constituir mesmo um signo da situação, “à sua imagem e semelhança”, pela evocação dos atributos a ela associados. É, portanto, qualificativo e, sendo assim, indicativo de um ponto de vista, de um julgamento: uma valiosa “pista de leitura”.

NEOLOGISMOS SUBSTANTIVOS: “*tsunami*” (em sentido figurado) – Roberto Bassan, Paulo Guedes e Tania Neves; “*apagão*” (“...do governo”, “...crônico” e “...ético” – todos associados ao governo) – Adriano Pires e Rafael Scheschtman, Zuenir Ventura e Luiz Garcia, respectivamente (são neologismos semânticos); “*ficante*” – destacado e comentado por Martha Medeiros – forma substantiva que surgiu entre adolescentes como nome qualificativo de determinada classe de namorados. Morfologicamente, deveria ser adjetivo; “*estagflação*” – Paulo Guedes – contém o nome e o atributo; “*anticota*” – Cristovam Buarque; “*antidirigismo*” e “*antiassistencialismo*” – Veríssimo; “*antilulismo*”, “*bananismo*” e “*petismo*” – Diogo Mainardi – Sobre esses últimos, duas observações: a) O sufixo –ismo, formador de substantivo, tem, nessas formações, efeito pejorativo, indicativo de acento apreciativo. b) Muitas palavras iniciadas pelo prefixo anti-, dependendo, é claro, de toda a sua constituição morfológica, são classificadas, no dic. Houaiss, como “substantivo e adjetivo”, por admitirem os dois empregos: *antiabortivo*, *antiabrasivo*, *antiácido*, *antiaderente*, *antialcoólico*, *antialérgico* etc.

OBS. Esse sufixo (grego) acrescenta ao radical (indicativo de uma qualidade), uma idéia de *oposição*, *ação contrária* (BECHARA, 2009, p. 368), que é também, na verdade, um traço caracterizador, elemento essencial da qualidade (ou propriedade) do referente. Assim, a qualidade do referente não é, propriamente, a indicada no ra-

dical dessas palavras, mas sim, ou principalmente, a indicada pelo prefixo.

UM NEOLOGISMO ADJETIVO: “*fashion*” - termo destacado pelo Prof. Italo Moriconi (UERJ) para a *Página Logo* do jornal *O Globo*, de 16/09/2007- é um estrangeirismo (neologismo por empréstimo, cf. ALVES, 2004) que está sendo incorporado ao português e, segundo Moriconi, associa ao referente, em um só tempo, as qualidades “*bonita, exótica, criativa, ousada ou na moda*”. Também serve para classificar, então tem valor de nome qualificativo. No dicionário de Cambridge, da língua original, é dado como substantivo.

7. Dois nomes, uma imagem

Jingle eleitoral do candidato José Serra:

“Quando o **Lula da Silva** sair, é o **Zé** que eu quero lá.

E na campanha pelo rádio:

“Sai o **Silva** e entra o **Zé**. *Tá na boca do povo*.” (grifos nossos)

8. Slogan eleitoral da candidata Gabriela Leite:

“Gabriela Leite, uma *puta deputada*” (grifo nosso)

A campanha explora, em um só tempo, a situação social da candidata, a linguagem vulgar, a comutação de funções entre substantivo e adjetivo e o duplo sentido decorrente dessa comutação, como recursos de alta expressividade. No Twitter, a candidata responde à crítica de um internauta fazendo uma associação de qualidades: “por que é o fim do mundo a minha candidatura? Por ser *puta*? *Putá* é acima de tudo *mulher!* Você sabia disso?” (cf. *O Globo*, 18/08/2001, p. 3 – grifos nossos).

Nesse comentário, se deixarmos de lado as convenções morfossintáticas às quais costumamos ser subjugados, se “nos apropriarmos da essência profunda das classes” e “entrarmos verdadeiramente na inteligência dos sistemas gramaticais” (cf. GALICHET, 1953, p. 17 – trad. livre), ou seja, se nos voltarmos para o nosso “espírito” – da língua – (*op. cit.*, p. 23), ficaremos em dúvida quanto à classificação dos termos grifados: substantivos ou adjetivos? E parece que o jogo semântico é justamente esse.

2. *O objetivo e a hipótese*

Interessa-nos entender onde há interseção entre as duas classes (substantivos e adjetivos) e em que implica essa interseção. Para nós, o centro dessa relação está em dois aspectos determinantes de valores semântico-discursivos: o acento apreciativo e a capacidade de designar, característicos de ambas as classes. Esses aspectos emergem na segunda instância do signo de Peirce: a iconicidade.

3. *Questões teóricas*

3.1. *A perspectiva morfossintática*

Walmírio Macedo (1977), tendo por base o *Essai de grammaire psychologique* de Galichet (1950, p. p. 4 e seg.), divide as classes de palavras (da língua portuguesa) em: *classes principais* (substantivos, verbos, pronomes-substantivos e numerais), *classes adjuntas* (adjetivos, advérbios, pronomes-adjetivos e numerais; e *classes de relação* (preposições, conjunções e pronomes relativos), e observa que uma determinada classe pode ter duas ou mais dessas características funcionais. Observa também que as classes dos substantivos e adjetivos têm estrutura formal semelhante e que “há até um tipo de substantivo e adjetivo que forma uma *classe flutuante*, permutando-se entre si, conforme a posição” (MACEDO, 1977, p. 63). Nos exemplos vistos acima, entretanto, verifica-se que nem sempre a posição determina, com precisão, a classificação. Se Macedo atribui essa flutuação ao aspecto formal e semântico, preferimos atribuí-la ao acento apreciativo e à capacidade designadora de ambas as classes, que são aspectos semântico-discursivos que podem ser explorados com fins expressivos e independentem, muitas vezes, de posição ou combinação.

Eulália Fernandes (1998, *apud* PINILLA, 2004, p. 121) faz a mesma divisão morfofuncional que Macedo e Galichet, mas prefere chamar esses grupos de *classes nucleares, periféricas e conectivas*, respectivamente, e também pondera que uma mesma classe pode ter qualquer um dos três funcionamentos.

3.2. Visão estilística

Rodrigues Lapa (1977) observa a tendência afetiva da representação substantiva, pela qual o substantivo pode assimilar as atribuições do adjetivo, tornando-se, ele mesmo, o seu próprio epíteto.

O autor reconhece que o substantivo pouco difere do adjetivo: “no fundo, são dois aspectos duma mesma realidade” (LAPA, *op. cit.*, p. 124), e tenta nos convencer da “íntima solidariedade que existe entre o substantivo e o adjetivo e da impossibilidade de separação das duas categorias” (LAPA, *op. cit.*, p. 139-140). Ele lembra que, ao princípio, todos os seres foram designados por uma qualidade fundamental que os caracterizava:

Esse processo, usado na formação dos substantivos, vê-se ainda hoje nas alcunhas pessoais: o (José) Manco, o (Manuel) Canhoto, etc. Para designar um curso de água podem considerar-se duas idéias fundamentais: o próprio derivar da água, e nesse caso o objeto chamar-se-á *corrente, torrente, cachoeira*, etc., ou, visto de mais longe, o aspecto sinuoso das margens, das ribas, e nesse caso dar-lhe-emos o nome de *rio, regato, ribeiro*, etc. Isto seria na origem: hoje, a palavra *rio* suscita não apenas uma qualidade, mas a imagem total do objeto: o correr da água e o aspecto das margens. Primitivamente, aludindo a uma qualidade do objeto, era uma espécie de adjetivo; por fim, sugerindo-o integralmente, tornou-se verdadeiramente substantivo. (LAPA, 1977, p. 125.)

O autor caracteriza a língua atual com o epíteto *impressionista*, pois que “avulta a qualidade acima do objeto, faz da qualidade o próprio objeto” (LAPA, *op. cit.*, p. 125). Dá como exemplo o hábito de substantivar os adjetivos, como em “o rubro das papoilas”, “o idiota do rapaz”, “uma beleza de criança”, “uma maravilha de seara”, pondo o substantivo qualificante à frente do qualificado. Cita Fernando Pessoa em: “E dei meu gesto lasso às *algas mágoas* / que há para além de sermos outonais...” (*Passos da Cruz V*), ao que chama *sugestão poética*, graças à imprecisão: não se sabe qual é o nome que funciona como adjetivo. Do mesmo autor, cita outros versos, já com clareza do substantivo no lugar do adjetivo: “com que ânsia tão *raiva* / quero aquele outrora!” (p. 125-126).

Na expressão do gênero (do substantivo), observa uma constante preocupação sexual no vocabulário. A par do masculino, a língua portuguesa teria criado formas femininas num sem-número de substantivos designativos de objetos: *saco – saca, poço – poça, barco – barca, melão – meloa, chouriço – chouriça, gancho – gancha*,

barraco – barraca, cesto – cesta, etc. (Cf. LAPA, 1977, p. 129). Nestas parselhas de substantivos, o masculino representaria maior grandeza no sentido de comprimento, o feminino maior grandeza no sentido da largura.

Essas “imagens” são abstrações que apontam para um valor icônico-atributivo do substantivo (decorrente de um acento apreciativo) e dão maior destaque à qualidade que ao próprio objeto.

Lapa vê, em relação ao número, certo tom depreciativo no substantivo plural, graças à ausência de artigo: “Naquele piquenique de *burguesas*” (Cesário Verde), que acentua a qualidade em sentido pejorativo. E destaca o Pe. Antônio Vieira pelo uso estilístico do substantivo plural, em “Perde-se o Brasil, Senhor, porque alguns ministros de S. Majestade não vêm cá buscar o nosso *bem*, vêm buscar os nossos *bens*” (LAPA, 1977, p. 131 – grifos do autor), onde se pode perceber o tom (acento ou valor) apreciativo na mudança semântica.

No capítulo *O artigo e os nomes* (*op. cit.*, p. 133), afirma que a Estilística reconhece e valoriza a “função adjetival” em tudo quanto sirva para caracterizar: jeito de entoação, palavra ou frase que vallem como adjetivos. E alguns exemplos se dão diretamente com substantivos:

1. *Isto é que é um RAPAZ!*
2. *Aí te mando esse LIVRECO.*
3. *Manuela trazia um vestido LILÁS.*
4. *Avistamos ao longe um barco À VELA.*

Conforme sua análise, em 1, o elemento caracterizador é a entoação, que vai determinar se o nome *rapaz* significa *bom* ou *mau rapaz*. Em 2, vê duas representações na palavra *livreco*: a de substantivo e a de adjetivo, a do objeto e a da qualidade. Assim, “substantivos expressivos”, como *livreco*, trazem em si o elemento caracterizador. Nesse caso, o autor dá destaque aos sufixos, que representam nisso importante papel: *rabito, cabeçorra, casacório* etc. E defende a idéia de que o emprego do “substantivo expressivo, que contém já em si um elemento de caracterização” (LAPA, *op. cit.*: 133), é um modo de evitar, sobretudo, “carregar a frase de adjetivos como quem

carrega um fardo” (LAPA, *op. cit.*, p. 135). Em 3, o substantivo *lilás* qualifica outro substantivo (*vestido*), tipo de construção afrancesada frequente com os nomes das cores e que também ocorre com substantivos compostos: “Essa rapariga tem a história mais *planta-de-estufa* que eu conheço” – o composto significa *caseira, modesta*. Em 4, a locução *à vela*, formada de substantivo precedido de preposição, equivale ao adjetivo *veleiro* e todo o sintagma poderia ser substituído por essa palavra, hoje já empregada, ela própria, como substantivo (cf. LAPA, *op. cit.*, p. 133).

Outro exemplo de Lapa acusa construções nominais utilizadas como autênticos adjetivos: “Surgiu então um rapaz alto, *cabelo negro, rosto magro e olhos amortecidos*, denunciando vida indolente” (LAPA, 1977, p. 133).

O trecho simbólico do narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1881) – “a primeira é que eu não sou propriamente um *autor defunto*, mas um *defunto autor*, para quem a campa foi outro berço” (ASSIS, ed. de 1955, p. 11, *apud* LAPA, 1977, p. 140-141 – grifos deste autor) – é lembrado por Lapa, para exemplificar o efeito da posição do adjetivo. A nosso ver, o exemplo também serve para demonstrar a comutação de funções entre adjetivo e substantivo e a “flutuação” entre as duas classes.

Sobre o adjetivo empregado como substantivo, afirma Lapa:

É sabido que muitos substantivos foram a princípio adjetivos (a *corrente*, a *palhoça*, o *ouvinte*, a *festa*, o *inverno*, etc.) e que ainda hoje é vulgar dizermos: o *sábio*, o *justo*, um *tímido*, um *preguiçoso*, etc. Estes adjetivos são condensações de frases como esta: “um (homem ou rapaz) *preguiçoso*”. Tornaram-se, ou podem tornar-se independentes e substantivados, pela capacidade que temos em conceber a qualidade para além do próprio objeto. Este princípio tem curiosas aplicações em Estilística. (LAPA, 1977, p. 143.)

A essa relação, Lapa acrescenta o caso do adjetivo substantivado, menos dependente do substantivo porque separado desse por preposição, como em: “o *infeliz* do rapaz” e, na frase de Fr. Antônio das Chagas: “A mesma pena que na frieza nos espanta, no *ardente* do amor grande alegria nos dera” – o escritor teria preferido a forma grifada a *ardência* por ter entendido que o emprego do adjetivo subs-

tantivo era mais expressivo, pelo valor sentimental da posição, anteposto ao substantivo, e pelo maior relevo de significado. Já em “Fez-lhe sentir o *tortuoso* do seu procedimento”, o adjetivo precedido do artigo (adjetivo substantivado), além de emprestar à frase maior expressividade, evita a acumulação de sufixos no substantivo *tortuosidade* (-oso,-dade), que desvaneceria a idéia central, roubando energia à imagem (cf. LAPA, *op. cit.*, p. 143).

3.3. O ponto de vista semiótico-pragmático

Todas essas construções são entendidas, na perspectiva da iconicidade verbal (SIMÕES, 2009) – alinhada com a visão semiótico-pragmática de Peirce - como procedimentos estratégicos de um projeto de dizer. Os signos verbais são imagens sonoras ou visuais que ativam imagens mentais (espaços cognitivos) e deflagram raciocínios. Funcionam, assim, como pistas de leitura/interpretação. A seleção e combinação desses signos visam à eficácia comunicativa que é, nesse caso, a realização do projeto original, o projeto de dizer do enunciador. (Cf. SIMÕES, 2009, p. 74-75.) A comunicação é, nessa perspectiva, um processo de veiculação de idéias e negociação de sentidos entre as imagens mentais construídas pelo enunciador e as reconstruídas pelo intérprete. A relação icônica entre essas imagens é tributária do potencial de verossimilhança entre as mesmas. Dessa relação depende a eficácia comunicativa, a despeito das condições de verdade ou falsidade. Essa perspectiva funda-se na plasticidade – “propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior” (cf. SIMÕES, *op. cit.*, p. 76).

3.4. A iconicidade

Sobre a iconicidade (do substantivo), destacamos trecho da nossa dissertação de mestrado:

A iconicidade, categoria peirceana da qualidade (cf. SANTAELLA, 2004, p. 43), (...) determina o potencial atributivo do substantivo e interfere, desse modo, na escolha dos nomes. (...) Para Peirce, o ícone é um signo representando alguma coisa (real ou fictícia), é regido “por relações de comparação e cuja referência ao objeto se dá por semelhança” (SANTAELLA, 2004, p. 111). Sua natureza é *abstrativa, qualitativa e*

imprecisa, é algo que se apresenta à percepção, de caráter associativo (...) (cf. SANTAELLA, 2004, p. 114, apud FREITAS, 2008, p. 35.)

Na concepção triádica do signo de Peirce, a abertura da base do triângulo indica o potencial ilimitado de semiose, onde entram em luta os múltiplos interpretantes do signo, no processo de atualização do significado. A iconicidade é a instância dessa luta dos interpretantes, da qual resulta um interpretante final, porém nunca definitivo (cf. SANTAELLA, 2002, p. 41). É o lugar da dinamicidade do significado, dos valores discursivos e dos acentos apreciativos que cabem ao intérprete identificar. É o que torna possível a “flutuação” semântico-gramatical entre adjetivos e substantivos.

Na busca da plasticidade, consideram-se três níveis – ou tipos – da iconicidade verbal: *a iconicidade diagramática*, na qual se considera a distribuição gráfica dos elementos textuais e as operações nos eixos da seleção e da combinação dos signos verbais; *a iconicidade lexical*, na qual se discute a seleção dos itens lexicais; e *a iconicidade isotópica*, decorrente das outras duas, e que funciona como trilha temática para a formação de sentido (SIMÕES, 2009, p. 83 e seg.).

Sendo assim, é necessário desenvolver, no ensino da leitura, a percepção dos signos textuais em toda a sua plenitude. Quanto maior for a percepção dos interpretantes potenciais (as possibilidades de leitura), maior será a eficiência na interpretação dos signos.

3.5. A função semântica do acento apreciativo de bakhtin

Bakhtin destaca a importância do acento apreciativo das palavras: “na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN, 1979, p. 120). E explica: “esse – o valor apreciativo - serve antes de tudo para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação” (BAKHTIN, *op. cit.*, p. 120).

4. Conclusão

O acento apreciativo apontado por Bakhtin, do qual decorre um conceito ou valor atributivo na palavra, é o eixo da relação entre

substantivos e adjetivos, que comutam ou dividem, entre si, as funções de designar e qualificar, resultando, às vezes, na “flutuação” entre as duas classes. Esse acento é um aspecto dinâmico do signo icônico, que interfere na produção de sentidos e é aproveitado, estilística e discursivamente, por meio da seleção e/ou combinação dos signos, com vista ao cumprimento ou realização de um “projeto de dizer”. Substantivos e adjetivos são signos icônicos por natureza, capazes de ativar imagens nas quais se evidenciam uma ou mais qualidades do objeto que lhes serve de referente, participando, assim, da constituição discursiva do texto.

A classificação – “substantivo ou adjetivo?” – é um problema que nem sempre se resolve no âmbito da (morfo)ssintaxe. Na perspectiva da iconicidade verbal, podemos perceber os diferentes aspectos que participam da significação dos nomes (substantivos e adjetivos) – seja no eixo paradigmático (da seleção), seja no eixo sintagmático (da combinação) – e que produzem efeitos nos três níveis da iconicidade textual: diagramático, lexical e isotópico, para uma interpretação mais consistente.

Ainda nessa perspectiva, podemos compreender os problemas que se nos apresentam na classificação dos substantivos e adjetivos, bem como as suas funções textuais, e confirmar a crença de Lapa (1977, p. 124): substantivo e adjetivo “são dois aspectos de uma mesma realidade”, a qual corresponde – e aqui fazemos uma referência a Galichet (1953, p. 129) – “à diverses façons de voir le monde” (a diferentes modos de ver o mundo).

Com tudo o que foi visto, conclui-se, finalmente, que o problema da “flutuação” entre as duas classes – substantivos e adjetivos – é muito mais um problema da significação, ou seja, dos aspectos semântico-discursivos e das potencialidades das duas “categorias” do que de posição ou função sintática. É uma questão que só se resolve ou se compreende com uma análise da iconicidade do signo verbal, entendida como um constituinte do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1979.

BECHARA, Evanildo. *Moderena gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. E atual. Cf. o novo Ac. Ortogr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERNANDES, Eulália. Classes de palavras: um passeio pela História D. e d. D.) e uma proposta de análise morfofuncional. In: VALENTE, André Crim. (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FREITAS, Maria Noêmi Freire da Costa. *Cigarras, formigas, severinos & cia.:* um olhar atento para a iconicidade do substantivo. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2008.

GALICHET, Georges. *Essai de grammaire psychologique*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

_____. *Méthodologie grammaticale: étude psychologique des structures*. Paris: Presses Universitaires de France, 1953.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.05. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 9. ed. rev. e ampl. Coimbra: Coimbra Ed, 1977.

O GLOBO. Rio de Janeiro: 25 set. 2000; 18 abr. 2005; 21 jan. 2006, p. 7; 27 jan. 2006, p. 6; 02 fev. 2006, p. 7; 18 jun. 2006, p. 7; 16 set. 2007, p. 28; 20 jun. 2009, capa; 16 jul. 2009, p. 3; 17 dez. 2009, p. 39; 11 ago. 2010, p. 23; 18 ago. 2010, p. 3.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

VEJA. São Paulo: Abril, 17 jan. 2007, p. 99.